

Mais um tijolo no muro

ALEX JESUS, LUCIANO BURIN, OSWALDO CARVALHO E WILLIAM HETAL

Quem foi ao Garden Hall, na Barra da Tijuca, entre as noites de 6 a 9 de junho de 2001, pôde ouvir, ao vivo, jazz da melhor qualidade. Archie Schepp, o mais radical seguidor do rebelde John Coltrane, que inaugurou as torrentes de som que receberam o nome de *free jazz*, foi um dos astros que se apresentou, acompanhado de sua nova banda. Mas quem ouviu Schepp há 40 anos quase não o reconhece mais. "Continua um ótimo tenorista, mas toca como se nem Coltrane nem ele, com 40 anos menos, tivessem existido", escreveu o cronista Luís Fernando Veríssimo, em sua coluna do jornal O Globo de 6 de junho do mesmo ano. O jornalista se referia a um músico bem mais comportado do que em seu passado, quando sua geração causou uma verdadeira revolução estética na música. "Estão todos mais disciplinados", afirma com segurança o escritor e intelectual Luís Carlos Maciel, autor do livro *Geração em Transe*.

Segundo Maciel, esta disciplina atingiu a música de uma forma geral, sepultando o movimento de contracultura, do qual o *free jazz*



"Hoje, ser marginal, não é admirado como antigamente. Atualmente, quem não aderir à tendência do mercado, não vende CDs".

Luís Carlos Maciel

fazia parte. "Tocava-se o que se bem entendia, sem preocupações com centros tonais ou estilos. Hoje, ser assim, marginal, não é admirado como antigamente. Atualmente, quem não aderir à tendência do mercado, não vende CDs", afirma. Mas os músicos de jazz não podem ser, injustamente, postos no banco dos réus por estarem mais "comportados". Junto com o estilo criado nos Estados Unidos, outras estéticas se contiveram, perdendo seu caráter contestador, num movimento em cadeia que as incorporou à indústria fonográfica.

O artista alternativo é um ser do contra: contracultural e contraditório

Nascida em 1968, do protesto e da rebelião, a contracultura – movimento social expressado em diversas áreas da cultura, sobretudo na música – não escapou do destino de toda a manifestação surgida nas sociedades industriais e de consumo: a assimilação pela "cultura oficial" (ou *establishment*). Em contrapartida, alguns acreditam que, ao absorver elementos da contracultura, a cultura oficial se permite modificar. É bem possível que, com esse processo de absorção, esteja assinando a sua própria sentença de morte.

Entre os dois extremos se situa a relação conflituosa entre o *establishment* e o alternativo. Uma relação marcada pela contradição, principalmente porque o passado condena o presente. Na extensa lista de artistas que cometeram o "crime" de se agregar à cultura oficial, a banda inglesa de rock progressivo Pink Floyd é um caso emblemático da luta inglória travada pela contracultura para se estabelecer como cultura oficial.

Aclamado pelo cenário alternativo inglês da década de 60, o Pink

Floyd foi progressivamente absorvido pela indústria cultural, atingindo o estranho paradoxo de vender milhões de discos e colecionar fãs por todo o mundo. Para desespero dos utópicos, o movimento contracultural através da música se tornou um produto muito bem explorado pelo *establishment*. Agora, é apenas "mais um tijolo no muro" da gigantesca barreira da cultura oficial.

Na obra-pima *The Wall* (1979), o Pink Floyd sintetiza na metáfora do muro todo o contexto da contracultura. De acordo com o jornalista alemão Arndt Schirmer, "a parede pode simbolizar quase tudo o que for idolatria ou repressão. O milionário conjunto se vende ao público para que possa continuar existindo, e os fãs pagam o que for possível para possuir seus ídolos por algumas horas".

Na terra da bossa a Tropicália coloca as garras de fora

O campo para o semeio do cenário alternativo se tornou fértil no Brasil durante a década de 60, com a colheita do Movimento Tropicalista, de conjuntos como Os Novos Baianos e Mutantes, e na figura de Raul Seixas. Numa época em que as dicotomias alcançavam níveis extremos, a música, assim como outras manifestações artísticas, sofreu uma mudança de valores. "O tropicalismo foi um movimento de negação à Bossa Nova, estilo em difusão nos anos 60", define o escritor Luís Carlos Maciel. De simples entretenimento, tornou-se manifestação política. Para os jovens, a contracultura era o veículo de expressão de uma ideologia de contestação do sistema capitalista e da ditadura militar.



Pedro Acyr Lopes

Ainda tem alguém lá fora?

De acordo com Luís Carlos, os artistas experimentaram uma liberdade de produção inédita. "A contracultura foi um momento histórico de muita contestação dos valores políticos, religiosos e estéticos. Na música, o rock, feito de forma simples e com timbres novos, evidenciou esta revolta", analisa.

Os ideais esquerdistas ganharam força no Brasil, numa época em que um governo autoritário-militar vigorava no país, sob a proteção do capitalismo onde os bens culturais estavam cada vez

mais voltados para o mercado e o consumo. A esquerda combatia esse capitalismo, denominado "imperialismo americano", realçando a importância da "cultura nacional popular". Para tanto, era necessária a politização das manifestações culturais como forma de combater a dominação imposta pela indústria cultural de massas.

A radicalização das idéias revolucionárias esquerdistas, que impunha uma conotação política à toda manifestação cultural, atingiu um ponto extremo no



famoso III Festival Internacional da Canção, de 1968. Nesta ocasião, o combate à alienação levou o público a vaiaar exaustivamente a apresentação de Tom Jobim e dos tropicalistas Caetano Veloso e Gilberto Gil.



Ao falar em Caetano, a Tropicália é imediatamente lembrada. A manifestação representou um rompimento da estética do seu tempo e, apesar da ditadura



ter castrado o movimento em 69 – com a perseguição política e o consequente exílio dos principais artistas – teve efeitos positivos como alternativa cultural ao nacionalismo purista proposto pela esquerda e ao direitismo oficial. Alguns acreditam que a liberdade daquele momento era tão plena que o resultado posterior foi um retorno aos valores negados.



Na década seguinte, o que se viu nos longos e negros anos de ditadura foi um processo complexo de esfacelamento das utopias, e uma adequação ao realismo do mercado de consumo, tanto na música como nas outras formas de expressão cultural. Este mercado, caracterizado pela indústria cultural de massas, pasteuriza e adapta para si as manifestações culturais.

Em cima do muro

Com trinta e três anos decorridos do surgimento da contracultura, as opiniões se dividem sobre a permanência do movimento. "Hoje, não há mais movimentos de contestação. Os mais interessantes, na minha opinião, são os artistas que buscam um resgate, como a Marisa Monte. Percebe-se, em seu trabalho, uma volta ao passado, integrando-o a uma coisa nova. Aí está a unidade do desenvolvimento da música brasileira", revela Luis Carlos Maciel, acrescentando que a adesão de artistas à indústria é mais uma tendência natural do mundo dos negócios. "Quem não se submete permanece marginalizado. E já foi a época em que contestar a indústria era bonito, sem ser marginal. O Lobão é um dos poucos que ainda se posiciona desta forma, mas está à margem, vendendo bem menos CDs que Caetano Veloso, por exemplo", afirma. "Observa-se atualmente que vários artistas se disciplinaram, passando ao largo de fazer polêmica. É o caso de Winton Marsalis (no jazz), Pink Floyd, Caetano Veloso, e até o ex-rebelde Archie", cita Maciel.

"Ainda tem alguém lá fora?", perguntava o Pink Floyd em The Wall

A assimilação da contracultura pela indústria coloca o músico diante de novas polêmicas: a liberdade do artista fica restrita às regras e aos padrões do mercado fonográfico? Como ser assimilado pelo maior número de pessoas sem ser "assimilado" pela indústria? Segundo Luis Carlos Maciel, "a aura marginal acabou. A con-

tracultura hoje depende muito da disposição de cada artista em permanecer à parte".

Apesar das críticas direcionadas à indústria fonográfica, a maioria das novas bandas continua a sonhar com as multinacionais. É a avaliação do DJ e produtor Memê, anunciando que está na hora de os artistas começarem a dar as caras por conta própria. "Todo mundo fala mal de gravadora, mas nove entre dez grupos querem assinar contratos milionários. É preciso fazer igual ao Lobão e ir à luta, em vez de reclamar das oportunidades", assinala, em uma reportagem da revista especializada Show Bizz, na edição de setembro de 1998.

No circuito *underground*, entretanto, há artistas criando o próprio mercado. Um exemplo é a Tamborete Records, comandada pelo guitarrista Panço, da banda Jason. O sistema de distribuição adotado pela gravadora, que até o momento produziu 16 títulos, se baseia em lojas especializadas, portas de shows e via internet. Aliás, a rede, com a disseminação de programas como o Napster, surge como ferramenta para uma reconfiguração das formas de distribuir e comercializar música no mundo.

Outro sistema de distribuição efetuado é a troca de discos. "O sistema de trocas é muito eficiente, já que quase todos temos bandas ou fanzines. É uma maneira de todo mundo distribuir todo mundo", assegura Panço, que recusou proposta de gravar por uma multinacional: "Eles sugeriram que eu fizesse uma coisa mais comercial, com refrões. Rejeitamos na hora. O importante é

você ter liberdade para fazer o que quiser", revela no do escritório da gravadora, que se resume ao quarto e à cozinha da casa do "executivo".

A história de litígio entre artistas e gravadoras é de longa data. A primeira artista a abrir caminho para a produção independente no Brasil, no início do século XX, foi a cantora e compositora Chiquinha Gonzaga, ao editar por conta própria suas partituras, vendendo-as de mão em mão. A Bossa Nova, quem diria, nasceu em berço independente. Em 1958, o selo Festa, do jornalista Irineu Garcia, lançou sem maiores pretensões o álbum *Canção do Amor Demais*, com Elizete Cardoso cantando músicas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Ouvia-se pela primeira vez a batida revolucionária do violão de João Gilberto.

"Hoje, não há mais movimentos de contestação.

Os mais interessantes, na minha opinião, são os artistas que buscam um resgate, como a Marisa Monte"

LUÍS CARLOS MACIEL

Tim Maia também protagonizou divergências com as gravadoras, o que o levou a montar o próprio selo, Vitória Régia, lançando toda a produção do artista desde o fim dos anos 80 até sua morte, em 1998. A lista de descontentes com

os serviços prestados pelas companhias fonográficas inclui Raul Seixas, o grupo Boca Livre, Jackson do Pandeiro, Arnaldo Batista, e outros.

A obediência ao mercado vem da necessidade de vender CDs, atingindo o maior número de pessoas. Fato que seria impossível se o artista ficasse contra a indústria. Para Maciel, o espaço alternativo não será da mesma forma compensador financeiramente. No entanto, lamenta a interferência de executivos na produção musical: "É uma pena, porque, com o fortalecimento do *show bizz*, houve um enfraquecimento da liberdade".



O caso Lobão: a segmentação como arma

URSULA MARINI

Sem espaço nas gravadoras multinacionais, detentoras do controle sobre a divulgação em massa (ou jabá, como quiser), Lobão resolveu encarar de vez a chamada indústria fonográfica e apostar na segmentação política, confiando na capacidade de penetração de seu trabalho por vias alternativas. Assim, criou uma gravadora independente, a Universo Paralelo, e lançou, em 1999, o álbum "A vida é doce". Para driblar as grandes lojas e seus preços abusivos, o álbum, ou melhor, o "CD-manifesto", foi vendido em bancas de jornal por R\$ 14,90 – num trabalho de divulgação que incluiu a distribuição gratuita em rádios comunitárias, como a Heliópolis, e entrevistas a rádios oficiais, como a Brasil 2000, além de uma série de shows e participações em programas de televisão.

O resultado desta iniciativa ousada e corajosa foi a venda de 100 mil cópias – o que lhe daria um disco de ouro se fizesse parte do *casting* de alguma gravadora convencional. Em depoimento ao jornal O Globo, Lobão festejou: "A vida é doce" foi o maior sucesso da minha carreira depois de "Vida bandida". Vendeu

100 mil cópias sem tocar em rádio oficial, sendo vendido em banca de jornal. Portanto, a minha gravadora Universo Paralelo tem todas as razões para estar comemorando o feito e pronta para repetir outra vez."

O CD, gravado dentro de um quarto de empregada com apenas alguns retoques de estúdio, representa um incentivo muito grande para novos grupos e cantores – além de valorizar as rádios comunitárias, ao discutir o papel dos meios de comunicação e o futuro da indústria fonográfica no Brasil.

Lobão debocha ainda das tentativas das multinacionais de reduzir o campo de atuação do mercado independente: "Eles alegam que programas como o Napster depreciam a propriedade intelectual dos artistas. Isso é hipocrisia. As editoras não me permitem relançar minhas próprias músicas. Onde está a propriedade intelectual?".

